

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**  
**CASA DE OSWALDO CRUZ**

*Amilcar Arandas Rego*

(Entrevista)

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Remanescentes do Massacre de Manguinhos

Entrevistado – Amilcar Arandas Rego (AR)

Entrevistadoras – Laurinda Rosa Maciel (LM) e Pedro Jurberg (PJ)

Data: 26/02/2019

Local: Rio de Janeiro/RJ

Única entrevista

Duração: 1h11min

Transcrição: Maria Lúcia dos Santos

Conferência de fidelidade: Poliana Orosa Rodrigues

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

REGO, Amilcar Arandas. *Amilcar Arandas Rego. Entrevista de história oral concedida ao projeto Remanescentes do Massacre de Manguinhos*, 2019. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 45p.

Projeto de Pesquisa: Remanescentes do Massacre de Manguinhos

Depoente: Amilcar Arandas Rego (AR)

Entrevistadores: Laurinda Rosa Maciel (LM) e Pedro Jurberg (PJ)

LM: Bom, então nós vamos começar essa entrevista. Estamos aqui eu, Laurinda Rosa Maciel e o Dr. Pedro Jurberg. Hoje é dia 26 de fevereiro de 2019. Estamos aqui na Fiocruz, no Prédio da Expansão, e a gente está fazendo essa entrevista no âmbito do projeto dos Remanescentes do Massacre de Manguinhos. Estamos aqui conversando com Amilcar...

AR: Amilcar Arandas Rego.

LM: Amilcar Arandas Rego, que vai conversar um pouco hoje com a gente, vai dar seu depoimento. Então, Dr. Amilcar, eu queria em primeiro lugar que o senhor se identificasse um pouco pra gente. Dissesse seu nome todo, onde o senhor nasceu e algumas, alguma informação sobre a sua formação, caso o senhor queira.

AR: Ta.

LM: Ta?

AR: Ta. Então, meu nome é Amilcar Arandas Rego, nascido em 1934 em Portugal.

LM: Em Portugal?

AR: Em Portugal. Vindo para o Brasil aos 4, 5 anos de idade e aos 21 anos de idade naturalizado brasileiro.

LM: Certo.

AR: E em 1959 aproximadamente eu era estudante de biologia na UERJ e...

LM: Na hoje UERJ, era UEG, né?

AR: Era UEG.

LM: Era UEG.

AR: E hoje UERJ.

PJ: Na Rua do Bispo.

AR: Na Rua do Bispo. Então tive a oportunidade de ser convidado pra um estágio... convidado ou eu me convidei, não sei.

LM: (**Risos**)

AR: Pra um estágio no Departamento de Helminologia. Departamento de Zoologia na época era dirigido pelo Dr. Herman Lent.

LM: Sim.

AR: A Helminologia naquela época era muito bem vista pelos parasitologistas dos países interessados em parasitas, não é? E havia na época já do Dr. Lauro Travassos, que era o chefe do Departamento de Helminologia.

LM: Sim.

AR: E o Dr. Lauro Travassos era muito conhecido, muito conhecido. E um dos discípulos dele, João Ferreira Teixeira de Freitas.

LM: Sim. Aquele que está ali na foto.

AR: Isso. Com quem eu estagiei e que, portanto, eu fui formado por ele em helmintos parasitas de vertebrados. Muito bem, então em 1959 eu era um simples estagiário de iniciação científica, que eu ainda não era formado.

LM: O que hoje seriam os Pibics (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), que a gente chama.

AR: Isso. E em 1961 se não me engano por sorte efetivaram todos os...

LM: Estagiários.

AR: Estagiários.

LM: Ham-ham. O senhor já estava formado?

AR: Sim, aí já estava formado. Sim, sim, já estava formado. Posteriormente eu fiz também outros cursos, veterinária... fiz estágios em diversos países, muitos deles custeados pelo CNPq.

LM: Sim.

AR: Eu tive bolsa do CNPq desde 1962 até praticamente a minha aposentadoria.

LM: Que foi em?

AR: Só que eu não me lembro. **(Risos dos dois)**

LM: O senhor vê como a memória é seletiva, né?

AR: Eu trabalhei 40 anos na Fundação como efetivo, ou mesmo depois de aposentado um pouco mais. Enfim...

LM: 40 anos. Então o senhor saiu agora nos anos 2000.

AR: Sim.

LM: É, 40 anos.

AR: Sim, sim, sim. Ano 2000.

LM: É uma vida, né Dr. Amilcar?

AR: É, mas também, além do Oswaldo Cruz, acumulei outros cargos no Estado, professor do ensino normal.

LM: Ensino médio?

AR: Ensino médio.

LM: Sei.

AR: Instituto de Educação.

LM: Sim.

AR: Que era na [Rua] Mariz de Barros. E quando a minha formação já estava bastante boa, era convidado pra professor da universidade, então...

LM: Na UERJ mesmo?

AR: Não, não na UERJ, na Santa Úrsula, fui professor e...

LM: E tinha um curso bom nessa área, né?

AR: Era muito bom. Formei várias pessoas lá que estão ainda na Oswaldo Cruz. Antônio Paulino (inaudível) e a Cláudia que trabalha lá na Biologia também e outros. Enfim, depois eu fui convidado pra vários estágios em país... no estrangeiro, principalmente em Portugal, que (inaudível) muito. Trabalhei lá no Instituto de Medicina Tropical seis meses... no outro ano depois na Escola de Veterinária e depois no Centro de Zoologia. Enfim, posteriormente na Inglaterra, em Londres... Bom, eu acho que já tem muita coisa.

LM: É, foi uma vida...

PJ: Você se formou em veterinária também?

AR: Saí. Fiquei três anos, depois eu larguei... estava faltava um ano só, porque eu já estava bem de dinheiro...

LM: (**Risos**)

AR: Mas fiz então o... mestrado em parasitologia veterinária.

LM: Sim.

AR: Lá na Rural (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Muito bem. Então devo dizer que na época o departamento de helmintologia era muito bem...

LM: Avaliado, muito bem visto.

AR: Avaliado pelos parasitologistas, helmintologista do mundo inteiro. Não só porque eles têm lá uma bela coleção de parasitas, não é?

LM: Sim. Dizem que é uma das mais completas, né?

AR: Sim, é uma das mais completas. Existem outras em Roma, em Viena, Berlim, mas esta daqui é [inaudível]... apenas não é bem organizada.

LM: Sim.

AR: Eles só começaram a colocar em informática aqui no... Não sei se conseguiram [inaudível]. Enfim, a coleção é muito grande, muito grande. E, devo dizer, pode ser que eles não gostem, que os métodos de conservação dos vermes em frascos eram muito arcaicos.

LM: Arcaicos.

AR: E eles não aceitavam...

LM: Mudanças.

AR: Mudanças.

PJ: Aqui no Instituto?

LM: É.

AR: Aqui no Instituto. O formol acético destrói os bichos.

LM: Sim.

AR: O melhor método de conservação é álcool a 70%, mas eles não queriam aceitar isso. Essa gente que está lá... acho que não quiseram aceitar isso, ia dar muito trabalho substituir tudo e achavam que o mestre [Lauro] Travassos usava aquilo...

LM: Então era inquestionável.

AR: Era ponto final. Se o Travassos dizia que ele era o melhor conservante... e não era. Mas... os vermes ficavam enegrecidos.

LM: Entendi.

AR: Da cor marrom. Não é a cor natural. **(Ri)**.

LM: Isso dificulta, né? Pois é, isso dificulta a observação, eu acho.

AR: Então isso é uma crítica que eu faço, eu já fazia há muitos anos atrás com o pessoal que ficou lá. Então, gostem eles ou não, a coleção hoje já não é mais a mesma que o Travassos fez, e o Dr. Teixeira fez, não é? Inclusive há dificuldade de acesso. Eu tenho amigos estrangeiros que quiseram e viram na coleção Oswaldo Cruz algo diferente, interessavam fazer uma revisão e não sei o que, e eram mal recebidos.

LM: É?

AR: É. Eram mal recebidos, não podiam tocar em nada...

LM: Isso é lamentável.

AR: É uma coisa muito lamentável. Posso até citar os nomes.

LM: **(Ri)** O senhor fica à vontade.

AR: O Dr. **(nome incompreensível)** do Museu de História Natural de Genebra; o Dr. **(nome incompreensível)** da República Tcheca. Quem mais? Tem outros que eu não me lembro. Então eles se queixavam que não eram bem...

PJ: Eles não eram bem recebidos, é isso?

LM: É.

AR: Eles viam aquilo ali...

LM: Como uma propriedade deles.

AR: Uma propriedade deles.

LM: É.

AR: Então eu que trabalhei, eu fui o primeiro estudante que entrou lá estagiário pra a Helminologia, além do Paulo Bührnhein. Lembra do Paulo Bührnhein?

PJ: Conheci.

AR: O Paulo Bührnhein foi o primeiro a estagiar lá, mas ele nunca fez nada em helmintologia porque ele gostava era de insetos. O primeiro estagiário novo que chegou lá fui eu.

LM: Foi o senhor.

AR: Enfim, depois de 30, 40 anos... ou 30, sei lá, anos trabalhando naquele lugar eu mesmo era impedido de mexer na coleção.

PJ: Quem é que te impedia Amilcar?

AR: Era um tal de...

PJ: Pode dizer, pô, se você depois quiser tirar... **(Ri)**

AR: A Deli [Maués da Serra Freire].

PJ: A Deli.

AR: A Deli...

LM: Deli Noronha.

AR: Noronha não. Deli Noronha era mulher do... ela não era... acho que ele nem era...

LM: Ta.

AR: Era a Deli...

LM: Deli Serra Freire.

AR: Serra Freire. O marido dela morreu.

PJ: É.

AR: Essa Deli então tinha os pupilos dela... **(Ri)**

LM: **(Ri)**

AR: E os pupilos ela, ela... eu nem sei porque cargas d'água fizeram ela chefe, mas, enfim, isso aí são... Então eu faço essa crítica, essa coleção helmintológica...

LM: É uma pena, né?

AR: ...Não é a mesma de 40 anos atrás, de forma alguma a que Lauro Travassos deixou, né? Enfim... Agora falando da cassação, é isso que interessa a vocês, né?

PJ: Não, não, nós vamos chegar lá.

LM: É:

PJ: Deixa continuar um pouquinho mais da sua vida.

LM: Deixa eu só perguntar uma coisa, o senhor falou que foi oficializado como... o senhor era estagiário, não é isso?

AR: Estagiário.

LM: E depois foi agregado como se fosse um pesquisador...

AR: Já era formado, já era formado.

PJ: Biologista nível 17.

AR: Biologista. E recebemos uma quantia substancial que dava pra comprar um Volkswagen.

PJ: É. Todo mundo comprou.

AR: Eu que não comprei.

PJ: Eu comprei o Volkswagen.

LM: **(Risos)**

PJ: A geração do Volkswagen.

LM: É, a geração do Volkswagen.

PJ: E só tinha o Volkswagen, mas nada.

LM: É. **(risos)**

AR: Aquele diretor que eu esqueço o nome...

PJ: Joaquim Rosas.

AR: Hein?

PJ: Rosas, Joaquim Rosas.

AR: Não, não era esse.

PJ: Amilcar?

AR: Amilcar (Vianna Martins) não, esse era muito bom profissional, é depois dele.

PJ: Joaquim Rosas...

AR: O que tem até estátua aí. Como é o nome dele? Aquele que efetivou milhares de pessoas aí brincando.

PJ: O Vinícius da Fonseca?

AR: Não.

LM: Mais contemporânea, o Sérgio...

PJ: Sérgio Arouca?

LM: O Arouca?

AR: Arouca.

LM: O Arouca, Sérgio Arouca.

AR: Arouca, Sérgio Arouca. Esse daí... ele não me efetivou, eu já tinha sido efetivado antes.

LM: Sim.

AR: Eu fui efetivado em 61 e ele chegou depois, né?

PJ: É.

LM: Foi! Ele chegou anos 80.

PJ: Eu estava na mesma leva.

LM: É.

AR: Agora, eu fui efetivado e muitos outros na gestão daquele ministro... não, eu vou lembrar... Na gestão de quem?

LM: Do Arcoverde? Não, não. Foi antes.

AR: Não, foi lei federal, não foi o presidente. A lei federal era do tempo do João Goulart, se eu não me engano.

LM: Sim.

AR: Efetivou todo mundo, não foi a gente.

PJ: Efetivou qualquer pessoa que tivesse vínculo.

LM: É.

PJ: Então tinha uma bolsa, e você deve ter tido uma bolsa, porque eu fui efetivado... na mesma lista dele eu fui efetivado.

LM: É.

PJ: Então nós fomos efetivados naquela época e eu estava terminando a faculdade. Isso foi um prêmio...

LM: É.

PJ: ...O cara terminar a faculdade...

LM: E já ter um trabalho.

PJ: E passou haver até o nível 18 no serviço público, nós fomos efetivados no nível 17, Biologista 17.

AR: E ganhávamos pouco. Então eu arranjei um outro emprego de professor e na época acumulada, portanto, dois cargos, porque o cargo de professor pagava mais do que biologista.

LM: É mesmo?!

AR: Sim, era.

LM: Olha isso!

AR: Só melhorou a situação do pessoal de pesquisa aqui quando entrou aquele na Fundação...

PJ: O Vinícius.

AR: Vinícius.

LM: O Vinícius da Fonseca.

PJ: Passou pra CLT.

AR: Esse então... Passamos pra CLT, eu passei a ganhar pelo menos cinco vezes mais. Não foi?

PJ: É.

AR: É. Pelo menos isso. Aí eu passei a dedicar...

LM: O senhor vê que vai e volta, né? E depois chegou o [Fernando] Collor [de Mello] e transformou de novo todo mundo em servidor público.

PJ: É, serviço público é assim, você recebe um atraso, compra um carro e aí vai diminuindo. Aí recebe outro atrasado, dá entrada num apartamento. Não sei se é a tua vida, mas geralmente é assim.

AR: O Rocha Lagoa eu lembro que foi o diretor naquela época.

LM: Isso.

AR: Esse homem ele era, como se diz, anticomunista, né?

LM: Hum-hum.

AR: E ele achava que todos - agora é Bolsonaro - todos que não pensassem igual a ele eram comunistas.

LM: É. O senhor ver que o momento que a gente está vivendo é similar, né?

AR: Então ele procurou saber quem eram os esquerdistas e apareceu o Herman Lent, [Augusto Cid de Melo] Perissé... Perissé não, agora não me lembro. Bom...

LM: [Haity] Moussatché...

AR: Herman Lent...

PJ: Perissé, Moussatché...

AR: O Masao Goto.

LM: É.

PJ: Masao Goto.

AR: Masao Goto... e tem mais, mas eu não consigo lembrar.

PJ: O Tito Arcoverde.

AR: O Tito Arcoverde.

LM: [Fernando] Ubatuba.

AR: Ubatuba. Esse era o pior deles, segundo o... (**risos**) Ubatuba... não lembro mais...

LM: Meu Deus do céu!

AR: Arlete era a mulher dele, mas não... acho que não foi cassada não.

PJ: É. Arlete não foi envolvida na cassação.

LM: É.

AR: Agora eu te pergunto: por que eu escapei? Porque eu era jovem. **(Ri)** O jovem não contava, né? Eu trabalhava com o... era funcionário do Herman Lent, trabalhava com o Teixeira de Freitas que não era de esquerda. O Herman foi, o Teixeira de Freitas não queria saber desse negócio não, mas o Herman Lent era, ele dizia mesmo ser, né? E tinha também o Haity Moussatché.

LM: Sim.

AR: O Haity Moussatché, inclusive eu estou me lembrando bem – pouco antes do golpe militar o Haity Moussatché arranhou um estágio pra mim na Bulgária.

LM: Hummm.

AR: Eu fui até o consulado búlgaro, conversei com ele, no dia que eu pedi a licença... ou não, foi na Bulgária? Não, foi na Polônia, desculpa.

LM: Sim.

AR: Também tive convite pra Polônia... **(ri)** eu dei entrada... Inclusive...

LM: Mas tudo país comunista, né? **(Ri)** Vamos dizer assim.

AR: É, tudo país comunistas. Você vê... influência do Herman Lent e do Haity Moussatché. O Haity Moussatché trabalhava na parte de baixo da helmintologia, né? Ele era de zoologia, né? E o Haity Moussatché era um cara muito bacana e ele, ele... então me indicou pra uma bolsa também na Polônia. Na Bulgária também, mas eu não fui... era na Polônia. Então, poucos dias depois que eu tinha falado com o adido científico da Polônia, aqui no Rio e eu dei entrada então no pedido no Oswaldo Cruz, né? ... pedido de licença. Aí houve o golpe.

LM: Sim.

AR: Aí depois do golpe eu liguei pra secretária da presidência: “E o meu pedido de licença pra viajar?”, “Professor, nós não damos licença pra país comunista!” **(risos)**

LM: Meu Deus! **(Ri)** E como é que o senhor arranhou? Não foi?

AR: Não fui. Ponto! Não fui.

LM: Ah, que pena! Uma grande oportunidade, né? Mas sabe, Dr. Amilcar, outros pesquisadores que a gente conversou por conta dessa pesquisa eles têm uma fala que é muito parecida. Eles dizem que na verdade não se discutia, não se falava muito de política na Fundação.

AR: Não, ninguém falava nada!

LM: Pois é.

AR: Eu soube...

LM: A sua observação é essa também?

AR: Eu sempre... eu não sou rico nem nunca fui rico. Meus pais eram camponeses de Portugal e vieram pra cá, né? E eu não poderia... eu nunca fui rico. Porque que eu iria ser bolsonarista agora...

LM: Lógico. (**Risos**)

AR: Então, eu não discutia política, nem o Herman discutia. Ninguém discutia política.

PJ: Eu vou te fazer uma pergunta, Amilcar...

LM: Ninguém discutia política, isso é muito interessante.

PJ: Posso falar?

LM: Pode, pode.

PJ: Você desculpe.

LM: Não, pode falar.

PJ: Não, não, desculpe.

LM: Pode falar.

PJ: Nós éramos alienados?

LM: Não.

AR: Não porque era alienado, eu sempre simpatizava, mas não falava.

PJ: Ah ta.

AR: Porque eu não tinha conhecimento. Eu não tive conhecimento teórico suficiente pra discutir política, só muito mais tarde eu comecei a ler muitas coisas e agora a gente tem posição.

LM: Sim.

AR: Mas naquela época eu só era... estagiário não, biólogo lá...

LM: É...

PJ: A gente não conversava. Quer dizer, eu exatamente que nem você, só que eu olho pra trás eu acho que eu era alienado, pra mim política era uma coisa que eu não queria entrar, que eu tinha medo. Quer dizer, a gente tinha simpatia pelas pessoas porque achava que aquele era o lado honesto.

LM: Sim.

PJ: Era o pessoal que trabalhava, tudo isso, mas não porque o sujeito tinha uma bandeira, uma ideologia. Não, o Herman era um cara sério, honesto, então a gente ia pro lado dele, tá entendendo?

AR: Mas ele tinha relações com os científicos – sei lá – dos países de Leste eu acho que isso foi registrado... tanto é que eu fui ao consulado... consulado não, a embaixada da Bulgária, da Polônia, indicado pelo Herman...

AR: Ou pelo Haity.

AR: O Haity também. O Haity inclusive parece que esteve lá... O Haity você sabe que ele era turco, né? Nasceu na Turquia.

LM: É, ele era turco.

AR: Ele era judeu, mas já na Turquia. Enfim, essas pessoas ficaram manjadas.

LM: Sim.

AR: Mesmo não expressando política eles eram manchados, né?

LM: Hum-hum. Eram vigiados, né?

AR: Como eu era novo, não entendia nada de política. A mim só interessava os vermes, né? Então também não podiam dizer que eu era isso ou aquilo. Eu não era nem nazista, nem fascista, nem comunista. **(Risos)**

PJ: O problema é com -ista.

LM: É.

PJ: Todo -ista, feminista...

AR: Feminista.

PJ: Machista.

LM: É sempre complicado, né?

AR: Então o que aconteceu foi que eles foram cassados... me lembro de um fato. Depois do golpe militar eles mandaram um general pra cá pra entrevistar os pseudo esquerdistas, né? Era um general até simpático. Ele ficava lá no... eu acho que era no hospital, né? Acho que era até no hospital.

LM: No [Hospital] Evandro Chagas?

AR: É. Ia um por um lá pra ser entrevistado, o Haity... Eu não me lembro quem foi que disse... o general perguntou: “O senhor é comunista, doutor?” Acho que foi o Haity: “Sou sim.”. **(Risos)** Isso ficou registrado.

LM: “E daí?”, “Sou, e daí?”

AR: É uma história que eu ainda me lembro. Caramba! Mas eu não fiquei apreensivo porque eu não tinha política alguma...

LM: Certo.

AR: Não me interessava.

LM: E quais as lembranças que o senhor tem desse período, lá do seu laboratório que o senhor trabalhava, o senhor acha que essa cassação ela teve motivos somente políticos, o que o senhor pensa sobre isso?

AR: Eu acho que o Rocha Lagoa era totalmente inexpressivo.

LM: Sim.

AR: Ele só foi colocado lá por causa de política né? Que ele era amigo não sei de quem. Ele até foi ministro da saúde.

PJ: É.

AR: Era um sujeito inexpressivo, mas foi colocado lá. Por quem? Não sei.

PJ: Ele descendia de uma família de políticos, o pai dele, o avô, todos eram...

AR: Ah é, desembargador! Tinha um desembargador, político. Mas veja bem, o Rocha Lagoa cassou... prejudicou essas pessoas porque ele era incompetente e invejoso. Ele vendo aquelas pessoas bem requisitadas na ciência, ele nunca fez nada na ciência.

LM: Porque as pessoas que foram cassadas eram os cabeças de laboratório, eram as pessoas que tinham muita produção.

AR: Exato. Isso. Era.

LM: Eram pessoas muito bem relacionadas e que colocavam o Instituto Oswaldo Cruz em evidência no meio científico.

AR: É claro...

LM: Como é que você vai cassar isso?

AR: Mas o Rocha Lagoa ficou mais inimigos deles... não sei quem falou... o [Herman] Lent, eu acho que foi o Lent, não tenho certeza, disse que era incrível como um sujeito daquele, incompetente... (ri) ele falou qualquer coisa que eu não me lembro bem...

LM: Só falou a verdade, né?

AR: Ele falou, mas as paredes têm ouvidos, né?

LM: Entendi. Hum-hum.

AR: Mas não foi por causa de política não. Eu não acredito. Não faz política lá... nunca fez política, nunca vi ninguém com bandeira comunista, nem nada?

PJ: Não se discutia nem futebol. No meu laboratório... eu nunca soube o time do Herman [Lent], nem do Dr. Hugo [de Souza Lopes].

AR: Eu acho que foi vingança.

LM: Sim. Tinha um componente pessoal também?

AR: É. Acho que foi. Agora, o Herman quando houve o golpe a gente foi trabalhar no dia seguinte – sei lá – e... ele então alertou a gente a tomar cuidado, pra gente ficar unido, não... ele não tinha sido cassado ainda, mas ele já estava alertado que ia acontecer alguma coisa. Então, ele reuniu o pessoal e falou qualquer coisa. Agora, devo dizer uma coisa, não é falar mal não, que eu gostava muito do Dr. Teixeira de Freitas.

LM: Sim.

AR: O Dr. Teixeira, ele não falou, mas ele gostou do golpe.

LM: É, né?

AR: Ele também achava que o Brasil ia pro comunismo. Aquela história que o pessoal da direita está pensando sempre...

LM: Meu Deus! Está sempre pensando isso.

AR: Era uma boa pessoa, mas tinha essas ideias assim.

PJ: Você se lembra do acidente do Teixeira? Se lembra do acidente? Ele tava... eu me lembro que ele estava no carro, é a história que eu sei, com uma pasta com os documentos que deveriam ser a cassação, aí teve o acidente e ele virava pro chofer de taxi e dizia: “Olha, são documentos do governo. Não mexa! São documentos do governo, você guarda isso.”. Porque tinha aquele sujeito que trabalhava na gráfica que estava no carro, era carona dele... deixa eu ver se eu me lembro... Marialvo... Daqui a pouco eu me lembro o nome... Não era Marialvo, mas era próximo, e ele presenciou que ele disse que era uma pasta que não podia. E aí o pessoal achava que aquilo eram os documentos que ele sabia da cassação, que ele tinha que comunicar, mas que como amigo deveria ter comunicado aos cassados. Aí diziam o seguinte: “que o governo cassou 11 e papai do céu cassou o 12º”, porque do acidente ele morreu.

LM: Sim. O Rocha Lagoa morreu?

PJ: Não, isso é o...

AR: João Ferreira Teixeira de Freitas.

LM: Ah, o Teixeira de Freitas?

PJ: É, que era um ótimo sujeito.

AR: Muito bom! Era muito bom.

LM: Ele morreu por conta desse acidente?

PJ: É, ele morreu, ficou doente...

LM: Por complicações. É. Tá.

PJ: Teve complicações. Marialvo, o nome do sujeito, de um gráfico que estava no carro e ele não deu pasta e dizia: “Os documentos do governo, documentos do governo.”.

PJ: É.

AR: E no dia seguinte ou dois dias depois esses documentos vieram à tona. E esses documentos estou supondo que seriam da cassação.

LM: Entendi.

AR: Eu acho que ele não se metia com política não.

PJ: Quem?

AR: O João Ferreira Teixeira de Freitas.

PJ: Não.

AR: Os documentos deviam ser de parasitas.

PJ: Não, os documentos que ele passou a ser chefe da divisão, chefe de todos eles e ele como chefe ele deveria comunicar, chamar o Herman e o Hugo e dizer assim: “Olha, vocês estão impedidos...” sei lá... que tinha um documento que impediu realmente de vir aqui.

AR: Eu acho que não foi o Teixeira que se tornou chefe da divisão não. Depois que o Herman saiu quem ficou lá? Não sei.

PJ: Não, porque logo depois ele ficou doente e morreu.

AR: Não foi o Lobato [Wladimir Lobato Paraense]?

PJ: Não, não, o Lobato foi posterior.

LM: É depois, é.

AR: O Lobato é no retorno quando começou o... o Vinícius [da Fonseca] quando veio pra cá quis uma pessoa que reerguesse e aí trouxe o Lobato de Brasília.

AR: Então eu tenho que mencionar uma coisa que eu já ia esquecendo. O Lobato Paraense é um ótimo especialista, um dos maiores do mundo talvez em... aquele caramujo...

PJ: *Planorbis*, caramujos.

LM: *Planorbis*, né?

AR: Sem dúvida! Sem dúvida! Mas ele foi diretor científico ou aconselhava o...

PJ: Vice-presidente de pesquisa.

AR: Aconselhava o?

PJ: Vinícius da Fonseca.

AR: O Vinícius da Fonseca. Eu sei que na gestão do Lobato e do Vinícius veio uma instrução para as pessoas deixarem esse negócio de ciência pura e começar a publicar coisas aplicáveis, né?

LM: É.

AR: De Saúde Pública ou seja lá o que for. Eu fazia ciência pura e continuei. Apenas algumas coisinhas aí de contaminação eu fiz também, mas eles queriam, e o Lobato é culpado disso, de permitir que nós não recebêssemos bolsa do CNPq, a menos que produzíssemos coisas aplicáveis.

LM: Nossa!

AR: Eu me lembro. Eu perdi a bolsa, mas logo depois disso, o Lobato voltou atrás, ele voltou atrás, então eu já tive bolsa. **(Ri)** Mas o Lobato na posição dele ele errou muito. Você lembra disso?

PJ: Lembro.

AR: Errou muito. Não existe ciência pura e ciência aplicada, não existe. Você vê o [Alexander] Fleming, estava lá com as plaquinhas de fungos, né? E descobriu a penicilina. Não era ciência pura? Depois foi aplicada.

LM: Sim.

AR: Então esses caras...

LM: A ciência aplicada ela sempre vem a partir da pura, não é?

AR: A partir da pura.

LM: Eu vejo isso. Sem ciência pura você não tem aplicada também, na minha concepção, né?

AR: Então eu fiquei muito decepcionado com o Lobato Paraense. Mais tarde ele arrependido, numa reunião que ele já era chefe, ele disse: “Olha, vocês desculpem, eu

também faço ciência pura, **(Ri)** e estudar caramujo não é ciência aplicada”, ele disse. Então eu acho que está certo, mas ele se arrependeu.

LM: Voltou atrás, pelo menos.

AR: Agora, o maior erro foi nomearem pra presidente um sujeito leigo.

LM: Sim.

AR: Aquele cara não entendia nada de ciência.

LM: Como era o Rocha Lagoa, né?

PJ: Não, está falando do...

AR: O Vinícius, o Vinícius.

LM: Ah!

PJ: Mas você não acha que o Vinícius...

AR: Era administrador de empresas.

PJ: É. Você não acha que o Vinícius deu um impulso? Porque ele olhou e viu que nós estávamos numa decadência total, aí o Vinícius melhorou, quer dizer, passou pra CLT [Consolidação das Leis do Trabalho], entrou dinheiro aqui...

AR: Realmente, a gente melhorou de vida com o Vinícius.

PJ: Então ele pensou: Vou fazer uma instituição e tal... e aí ele se cercou, botou o Lobato, então foi o Lobato que orientou cientificamente a fundação na época. Se tivesse escolhido outro, seria outro.

AR: Bom, o Lobato poderia ter defendido mais, explicar o cara lá que não entendia nada: “Olha, na verdade ciência pura não existe”. O sujeito em matemática aí no quadro fazendo cálculos astronômicos aquilo ali é ciência aplicada? **(Ri)**

Não é? Então todo mundo que diz que fazer ciência pura é estupidez, medir asa da borboleta que é besteira, não, não é besteira. Medir a asa tem seu papel na ecologia, na... né?

LM: Lógico.

AR: No meio ambiente.

LM: E é preciso entender isso, né? **(Ri)** E, como que era assim o ambiente no laboratório que o senhor trabalhava? O senhor sempre trabalhou na Helminto...

AR: Sempre.

LM: Desde menino até...

AR: Bom, menino com 25, 29 anos...

LM: 29. Era menino ainda...

AR: Desde jovem.

LM: É, desde jovem, muito jovem até... toda a sua trajetória profissional. Como que era o ambiente de trabalho, o ambiente entre as pessoas, o senhor acha que existia muita competitividade ou era um ambiente com mais facilidade de trabalho, de informação, ou era uma coisa tensa?

AR: Deixa eu lhe dizer: o Dr. Lauro Travassos era uma pessoa que tornava o ambiente muito bom, todos que sentavam perto dele pra conversar ele atendia. Até jovens conversavam com ele. Ele sempre gostou de se cercar de pessoas pra perguntar coisas etc. Era um ambiente muito bom. O Teixeira de Freitas também, mas o ambiente vamos dizer do laboratório não era assim 100%.

LM: Entendi.

AR: Havia inveja, disse me disse, não é? Isso é natural no ser humano, né?

LM: É.

AR: E havia pessoas que invejavam um ao outro. Tudo assim. A gente sentia que a atmosfera não era... isso acho que isso em todo lugar. Então, se você produzia mais, o outro já ficava meio...

LM: Entendi.

AR: Essas coisas são assim, mas eu tenho impressão que isso é normal.

LM: Ta.

AR: Né?

LM: E o senhor já falou que dava aula em outros locais, dava aula no Instituto de Educação, né?

AR: Sim, eu...

LM: E depois na [Universidade] Santa Úrsula.

AR: Sim, quando jovem eu fui professor do ensino médio, trabalhei inclusive no Instituto de Educação, ali na Mariz e Barros. No tempo que o professor era valorizado, depois não é mais. **(Ri)**

LM: Não.

AR: Depois que entrou aquele sem vergonha do Carlos Lacerda, a coisa ficou feia. Também trabalhei no D. Pedro II indicado pelo Herman Lent, ali na Marechal Floriano. Naquela época a gente precisava de dinheiro.

LM: Sim.

AR: Depois que eu já estava bem mesmo, fui trabalhar na Universidade Santa Úrsula, convidado também, não pelo Herman, pelo...

PJ: Dr. Domingos?

AR: Não. Pelo...

PJ: Madre Fátima?

AR: Não, a Madre Fátima era nossa diretora, era muito boa, mas tinha o... Bom, deixa eu falar, o Carlos Pott, que era filho do famoso Valdomiro Pott... não sei se você lembra. Então eu fui pra lá na Santa Úrsula como professor titular, né? E fiquei lá um pouco. Era mais depois do expediente, ou antes do expediente, e lá eu formei algumas pessoas como o Paulino, o Antônio Paulino da Helminologia, a... Aí meu... ela trabalha na biologia... Eu formei ela lá e trouxe ela... eu trouxe os dois pra cá, além de outros. Depois fui convidado pra orientar alunos de pós-graduação.

LM: Sim. Hum-hum.

AR: Vários, que agora eu não me lembro de todos eles. Bem mais tarde eu fui convidado pra professor visitante da Universidade Federal do Paraná.

LM: Sim.

AR: Fiquei lá um tempo como professor visitante e orientador. Entre outras coisas. **(Ri)**.

LM: Certo.

AR: Eu agora não me lembro de todas.

LM: Poxa! Circulou bastante, né?

AR: É. Eu antigamente os países que eu estagiei: foi primeiro Portugal, a minha terra. França, que trabalhava lá no Pasteur em Paris; Londres com... eu esqueço o nome... o diretor de lá eu esqueci; Liverpool; Viena, na coleção; Berlim, na coleção de Berlim, no Museu de Zoologia de Berlim e estagiei naquela Tcheca, eu esqueço o nome; Bulgária, com amigos lá do instituto, e...

LM: E aí o senhor ia, ficava um período, voltava... ficava o que? Sei lá, um mês, seis meses...

AR: Não, ia, voltava. Ficava. Em Portugal foi seis meses de cada vez.

LM: Entendi.

AR: Em Londres seis meses, em Paris fiquei umas semanas, e Liverpool umas semanas também.

LM: Certo.

AR: Bom, na época eu devo dizer que era muito fácil pra nós.

LM: Sim.

AR: Nós pesquisadores produtivos conseguir viajar pra esses lugares porque o CNPq inclusive pagava passagem.

LM: Certo.

AR: E as vezes pagava também as diárias. Ah, me lembrando! Chile, Santiago... no Chile com (**nome**)... Chile, Argentina também, Estados Unidos...

LM: Nossa!

AR: Diversos lugares. Eu não costumo escrever essas coisas porque eu me preocupei com os trabalhos publicados e o resto eu... eu acho que é muita auto vangloriação você dizer que trabalhou em tais lugares.

LM: (**Ri**)

AR: Eu só estou falando isso pra você porque você gosta...

LM: Não, porque eu estou perguntando, claro! Isso faz parte.

AR: Mas não vivo botando no meu currículo essas coisas, só os trabalhos é que interessa.

LM: Entendi. E dessas parcerias todas, desses lugares todos que o senhor foi, trabalhou, estagiou, sempre obviamente surgiam trabalhos, surgiam novas perspectivas...

AR: Em colaboração.

LM: Certo. Trabalhos em colaboração.

AR: Eu tenho trabalhos em colaboração com toda essa gente.

LM: Entendi.

AR: Não é? Eu não ia lá à toa. Eu tenho que justificar ao CNPq.

LM: Claro.

AR: Senão o CNPq diz que eu fui lá, não publiquei nada, não aproveitei nada.

LM: Sim.

AR: Então a gente tem que publicar e colocar no trabalho: subsídio com auxílio do CNPq.

LM: Certo. É porque a gente fica sempre achando assim: Ah, estudar vermes em lugares assim como Londres, Estados Unidos?! Porque as vezes algumas pessoas ficam achando que essas doenças são todas doenças de países periféricos, né? É como se no pseudo primeiro mundo essas coisas não existissem.

AR: Olha, a finalidade é ciência pura.

LM: Exato.

AR: Eu não fui estudar no laboratório de doenças tropicais de Londres não. Eu fui pra o Museu de História Natural de Londres.

LM: Certo.

AR: Entende? Assim que se eu fosse especialista em medicina, eu iria para faculdade de medicina de Londres.

LM: Certo.

AR: Eu não fui pra lá, eu fui pro Museu de História Natural de Londres. Em Liverpool também, mas todas essas coisas que a gente fazia lá tinha uma aplicação.

LM: Certo.

AR: Por exemplo, eu fiz um trabalho sobre contaminação de parques e praças de Lisboa por *toxocara canis*. *Toxocara canis* é o verme do cão. Ele defeca no solo e aqueles vermes, aqueles ovos ali expostos na areia...

LM: Fica na areia.

AR: Se a criança pisar com o pé descalço ou se botar na boca, ela pega uma doença, a *larva micras*.

LM: Hum-hum.

AR: Tem a *larva micras visceral* e tem a *larva micras cutânea*.

LM: A larva micras é o que chama de bicho geográfico? Não?

AR: A larva micra não faz grande mal, ela fica na pele.

LM: Entendi.

AR: A larva micra visceral faz.

LM: Entendi.

AR: Ela fica lá. Então tem aplicação. Eu fiz o trabalho de *toxocara canis* e não foi com a intenção de medicina nem nada, a intenção era descrever o verme, né?

LM: Hum.

PJ: Quantos trabalhos você publicou, você se lembra?

AR: Ah, no mínimo 140 trabalhos publicados.

LM: Nossa!

AR: Uns 140.

LM: Muita coisa.

AR: Bem, eu fiz alguma coisa, né?

LM: **(riso)** Fez bastante coisa.

AR: Eu me orgulho disso, né?

LM: Fez bastante coisa. Que bom! **(interrompida)** Fala.

PJ: Quando você, por exemplo, olha pra trás o que você poderia dizer que você deixou em Manguinhos e o pessoal não aproveitou? Porque isso acontece com todo mundo, né? Vem os jovens e passam por cima e empurram...

AR: Vou dizer agora uma fofoca, você ponha se quiser, que é o seguinte: havia naquela época, eu não sei se hoje há, porque eu não estou lá a muito tempo... Havia naquela época o seguinte: você descrevia um trabalho, a pessoa produzia o trabalho e botava um amiguinho ou amiguinha como coautor. Isso aconteceu muito e eu achava aquilo horrroso, né?

LM: É.

AR: Eu não vou dizer o nome não.

LM: É uma prática muito feia na academia.

AR: É. Eu não vou falar mal, mas (ri) o Lauro Travassos e o Teixeira de Freitas eram tratados de (inaudível) do Brasil dessa grossura. Teve uma pessoa lá, que eu não vou dizer o nome, se associou a esse trabalho só porque fez alguns desenhos.

LM: Entendi.

AR: Um trabalho dessa grossura. Colocar uma pessoa que praticamente fez 0,25% isso foi... ou sei lá o que é. Então isso foi o pior... estava um ano ali já publicando trabalho. E isso era muito comum. A que foi chefe depois, eu não vou dizer o nome, a gente sabe quem é, botava só os filhotinhos, ela não publicava nada, não sabia nada, mas alguém dali que escrevia punha o nome dela. Por quê? Porque se você publica muito você tem mais prestígio, né? Mesmo que você não seja o autor principal, mesmo o coautor. Então, há muito disso. Ainda continua assim, agora não sei. Então esse negócio de (inaudível) isso é muito comum lá dentro. E eu acredito que em outros lugares...

LM: É. Infelizmente isso é uma prática que disseminou.

AR: Agora você coloca isso, se você achar que pode eu estou tranquilo.

LM: Ta. **(Ri)**

AR: Eu já vou pra outra dentro em breve então tranquilo de quem goste ou deixe de gostar, não é?

PJ: Você deixou... Quer dizer, por exemplo, os alunos, você já citou o Paulino e essa moça que esqueci, daqui a pouco eu me lembro o nome...

AR: Cláudia, Cláudia Pott.

PJ: Cláudia Pott. Isso é um legado! Quando a gente deixa um aluno é um legado, mas você deixou algum outro legado que você quer ressaltar alguma coisa assim: Olha, eu fiz no laboratório, escrevi um livro, alguma coisa, que o pessoal...

AR: Bom...

PJ: Estudei uma família...

AR: Durantes muitos anos eu trabalhei com parasitas de peixes, chamados principalmente *proteocefalídeos*, mas tem outros também. Trabalhei muito esses... não quero me gabar, mas fui dos maiores entendidos em parasitas de peixe, né? Naquela época, hoje deve ter mais outros, mas eu sou sempre mencionado, se você procurar lá em (**inaudível**) *proteocefalídeos*, o meu nome está lá. Início da...

Lembra da taxionomia? Sistemática da classificação do bicho? Eu tenho um trabalho desse, mas eu fui o principal por ser... por causa da idade que o Scholz... eles fizeram mais. (**riso**) Isso eu reconheço, mas como era numa reunião lá nos Estados Unidos, em Nebraska, então como eu era mais velho, mais antigo liderei o grupo de Scholz, sei lá – Então ali, como eu era o mais velho, o mais antigo, embora o Scholz tenha feito praticamente tudo, eles me botaram o primeiro nome lá nesse trabalho, era um livro de chaves... como chama aquelas chaves? Eu esqueço o nome...

PJ: Chave de que?

AR: Hidrogenia... hidrogenia tem umas chaves. Eu não entendia nada de computador, nem nada disso, o Scholz é que fez isso. Então eu tenho essa boa lembrança do Scholz. Ainda hoje mandei uma mensagem pra ele.

LM: Ah, que bom!

AR: Pro Scholz lá da República Tcheca.

LM: Ham-ham. Que bom!

AR: Agora, acredito que... A Fiocruz decaiu, decaiu e todo mundo sabe disso.

LM: Quer dizer, você vai falar nesse aspecto, você olhando para a Fundação ou pra o Instituto, o que você vê hoje assim, a perspectiva que eu estou dizendo... nós estamos chegando no final da entrevista...

AR: O final da história é que eu acho que eu não reconheço a Fundação ou o Instituto de hoje como era em 1960, ou 1950, sei lá.

LM: O senhor acha que ampliou demais, que cresceu muito, diversificou demais?

AR: Eu acho que a história de vacinas, fabricação de vacinas, essas coisas assim, virologia etc. Eu acho que a parasitologia, ou pelo menos a helmintologia, ninguém leva em conta.

PJ: Não houve ninguém que despontasse?

LM: Mas o senhor não acha que é uma coisa quase que inexorável da ciência, ela se ampliar?

AR: Sim, os institutos, é muito importante a fabricação de vacinas e virologia, né? Mas no meu tempo tinha o Neri... lembra do Neri? Neri Guimarães. Este homem foi quem descobriu o problema do toxoplasma no Brasil.

LM: Sim.

AR: O meu filho teve toxoplasmose e a gente não sabia o que era. Ele estava inchado, todo inchado e ninguém sabia o que era, os pediatras não sabiam.

LM: Ninguém conhecia.

AR: Aí, eu acho que foi no pediatra, muito recatado, reconhecido... Como era conhecido...

PJ: Delamare...

AR: (**nome**)

LM: Não sei.

AR: Cobrava um dinheirão pela consulta, mas ele disse...

LM: Reinaldo Delamare?

AR: Não, era (**nome**) ele eu conheci lá na sinagoga... Não lembro mais... Enfim, ele desconfiou, o médico desconfiou e sabe por quê? Porque ele frequentava congressos e lá fora já falavam essas coisas.

LM: Entendi.

AR: Então ele disse assim: “Faz um exame dele, um exame sorológico, você vai na Fiocruz, deve conhecer o Neri Guimarães”. O Neri Guimarães então fez o exame e deu

lá. Eu não sei como que ele fez, enfim, fez a sorologia e deu *toxoplasma gondii*. Aí esse médico pediatra passou um antibiótico novo que ele conhecia, que ele conhecia...

LM: E que combateu.

AR: E que acabou tudo. Então o *toxoplasma gondii* é dos gatos, você sabe, né?

LM: Sim, sim.

AR: É por isso que eu digo: Não dorme como gato não porque (**rindo**) o gato pode ter toxoplasma.

LM: Eu tenho um gato.

AR: Só você mandar examinar o gato no veterinário que ele descobre se tem ou não tem, né?

LM: É.

AR: Então, (**Ri**) o Nery Guimarães também foi uma pessoa ímpar lá no [Instituto] Oswaldo Cruz. Mandaram todo mundo que tinha um negócio estranho pra lá.

LM: Hum-hum.

AR: Ele tinha um laboratório pequenininho, quase não tinha, (**ri**) não tinha recurso, mas tinha um microscópio. (**ri**)

LM: Mas tinha o microscópio.

AR: Tinha o microscópio.

PJ: E tinha cabeça.

AR: E tinha cabeça.

LM: Exatamente. Nery Guimarães também foi muito bom. Outros pesquisadores, Dr. Amilcar, falam que nesse período assim anos 60, início dos anos 70, por aí, que estava numa decadência assim de equipamentos de laboratório, o senhor teceu nesse ponto agora, e que era uma dificuldade ter um microscópio, que quando começaram a surgir os microscópios assim mais potentes era um que vinha pra fazer...

AR: Teve uma época... Teve uma época...

LM: O que o senhor tem a dizer sobre isso, o senhor acha que tem um grande impacto no trabalho?

AR: Olha, o microscópio...

LM: O senhor acabou de dar um exemplo muito bom, viu?

AR: Hoje são melhores, os modernos são melhores porque você pode fotografar, pode transmitir, aquelas coisas todas. O meu, eu trabalhava num microscópio comum, mas muito bom, Carl Zeiss aquela lente muito espetacular. Não tinha os recursos de projetar, essas coisas assim, né?

PJ: Naquele tempo você pegava um microscópio simples e tinha cursos de microscopia.

LM: É.

PJ: E você fazia coisas espetaculares, agora você tem um microscópio está tudo embutido, está entendendo? Aí você quer tirar uma imagem, abrir uma imagem numa tela, quer fotografar, tem. Aquele tempo não, você tinha que calcular, fazer, estudar. A gente fazia curso de microscopia. O cara pegava o microscópio mais simples e projetava uma imagem lindíssima, botava lâmpada num determinado ângulo...

LM: É.

PJ: Era tudo calculado.

AR: Isso é, mas naquele tempo era coisa heroica mesmo. A gente desenhava as coisas, né? Havia fotografia na época, mas a fotografia não dá a profundidade.

LM: Sim, claro, que o microscópio daria.

AR: Então precisa de um bom...

PJ: Câmara clara.

AR: Câmara Clara. Gente que tinha dificuldade de lidar com isso não conseguia desenhar.

LM: O que é câmara clara, gente? Olha a ignorância aqui falando...

AR: Está a coisa aqui, tem o espelho aqui...

LM: Ah ta! Pra você... ta. Entendi. Projeta.

AR: E projeta uma imagem virtual. Você tem o lápis e o objeto que você está olhando, aí você vai passando o lápis quando você termina você tem um desenho e aí você faz... o cara é um artista.

LM: É. Caramba!

AR: Então tem gente que desenha muito bem. Eu me lembro que uma vez eu fiz um desenho aí o Herman [Lent] olhou... ele era o redator da Revista de Biologia – não era, lembra...

PJ: Era.

AR: Da Revista Brasileira de Biologia. Ele olhou pro desenho: “Esse desenho está muito feio! Fala com a mulher do...” aquele que teve...

PJ: (nome)

AR: Não, aquele que morreu de... a mulher do... esqueço. Ele era um pesquisador bom, mas teve um câncer brabo, ele mesmo falava, era câncer na laringe. Eu não me lembro o nome dela, ele era desenhista oficial do Instituto.

LM: Ah ta.

AR: Aí ele disse: “Leva pra fulana de tal que ela vai melhorar o desenho.”. você precisa ver, beleza! (ri) Era artista, né? Ela tinha curso de desenho. Ela desenhava muito bem. Então um dos trabalhos tem o desenho dela, os outros são aquelas coisas... (risos).

LM: Dr. Amilcar, me diz uma coisa, como é que o senhor reagiu a cassação do Dr. [Herman] Lent, o senhor trabalhava no laboratório dele.

AR: O Domingos [Arthur] Machado [Filho], esqueci de citar o nome dele, também foi cassado. Eu trabalhava na sala dele.

LM: Sim.

AR: Domingos Machado. Lembra?

PJ: Lembro.

AR: O Domingos Machado realmente era nosso amigo, estava lá. Eu realmente fiquei muito chateado. Eu fiquei, pô. Nunca fez mal a ninguém, nem o Hermann fez mal a ninguém. Só porque achava que o socialismo era melhor pra ele... foi uma injustiça, né?

LM: E o senhor achou assim que o laboratório iria sofrer muito com a saída dessas pessoas que foram cassadas? Assim, pensando na época, porque hoje é fácil a gente falar, mas na época o que vocês imaginavam? Isso foi uma coisa que foi muito impactante, ou uma ou outra pessoa que se tocou com isso, a maioria não ligou muito, como que era?

AR: Na verdade, sabe como é o povo, né? **(ri)** Desde que não aconteça com ele, não acontecendo comigo tava tudo bem. **(ri)** Então o pessoal ficou triste, etc. O Herman, o Domingos... achamos aquilo tudo uma injustiça, mas continuamos a trabalhar.

LM: Entendi.

AR: E depois veio o imbecil do Rocha Lagoa que queria ciência aplicada, aí, se fosse o Herman Lent nunca iria concordar com essas diretrizes, não é? Então é isso.

LM: Então assim, a gente pode dizer que embora tenham sido cassados esses elementos assim principais dos laboratórios mais proeminentes da Fiocruz, do IOC nesse momento, no entanto as pessoas, a rede de pessoas que trabalhavam...

AR: Continuaram a trabalhar.

LM: Continuou jogando bola para frente.

AR: Continuamos a trabalhar.

PJ: Tocando o jogo.

AR: Teve uma época que cassaram as bolsas e então ficamos desanimados, né? Porque a gente produzia estimulado pelas bolsas porque a gente não ganhava bem naquela época. Então aquilo realmente foi chato, botar um sujeito lá que não entendia nada de ciência pode-se dizer, né? O Rocha Lagoa era um poço. **(risos)** Não sei quem é que escreveu isso. **(ri)** era um poço de burrice, né?

LM: **(ri)** um poço de burrice.

PJ: **(Risos)** Boçal e soberano.

LM: **(risos)**

AR: Uma expressão.

LM: É. Boçal e soberano. Olha que ótimo!

PJ: E era... ele tinha uma postura que ele que ele lutava taekwondo, que não sei o que. Ele tinha aquela postura. O garçom servindo com aquela roupa característica, ele tinha uma postura assim...

AR: Mordomo, né?

LM: É.

AR: Mas você sabe que ele depois foi ser ministro da saúde. (**riso**) Sabe disso?

PJ: O que que é?

AR: O Rocha Lagoa foi ministro da saúde.

PJ: Foi ministro da saúde.

AR: Você vê, um homem desse!

LM: É. Basta ver o nosso ministro da educação hoje no Brasil<sup>1</sup>, né?

AR: É.

PJ: Pega o sujeito, vê aquele negócio... Ah, ele é isso... ele mente, ele monta um currículo, você vai ver o cara não é nem aquele currículo se sustenta...

LM: É verdadeiro.

AR: Acho que foi indicação política, né? Deve ter sido.

LM: Certo.

AR: Mas só devo dizer que nós voltamos a trabalhar, só quando o CNPq cortou as bolsas é que desestimulou, aí fui dar umas aulas. (risos)

LM: Foi construir uma outra trajetória.

PJ: Vou falar a respeito de uma pessoa que eu gosto muito que ele já morreu, o Paulo Bührnhein.

AR: Ah sim. Paulo Bührnhein tem uma história que eu não devo contar aqui, lá da helmintologia. História de separação e não sei o que... e o Travassos depois disso pediu pra ele sair do laboratório.

PJ: Ah, foi o Travassos que pediu pra ele sair?

AR: Pediu e ele foi pra Manaus. Eu cheguei a encontrar ele em Manaus e a Catarina. Lembra da Catarina?

PJ: Lembro, mas nunca mais soube dela. Ela é viva ainda?

---

<sup>1</sup> A entrevistadora refere-se a ministro da Educação, o colombiano Ricardo Vélez Rodríguez, que permaneceu no posto de 1º de janeiro a 15 de abril de 2019, na gestão do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro.

AR: Ela é. Eu a encontrei lá quando eu fui lá no IMPA...

LM: Instituto de Matemática Pura e Aplicada, né?

AR: Da primeira [vez], encontrei o Paulo Bührnhein. Na segunda vez que eu fui lá, o Paulo Bührnhein tinha morrido e a Catarina estava lá, conversei com ela. Então o Paulo Bührnhein estava odiando... sabe disso? “Odeio toda aquela gente de helmintologia, menos você”, eu. Porque eu nunca fiz mal, nunca falei mal, mas os outros lá eram contra. Por causa de mulher, né? Então o Travassos não gostava dessas histórias lá, né? Tirar a mulher do outro, essas coisas. **(Risos)** Eu não vou dizer de quem...

LM: Eu acho que eu conheço essa história.

AR: Então o Paulo Bührnhein saiu e foi lá pro IMPA... É, pro IMPA, estive lá uns tempos, né? A Catarina foi depois também, eles ficaram os dois lá e o Paulo morreu depois. E eu encontrei a Catarina.

PJ: Eles tiveram filhos?

AR: Acho que não.

PJ: Não.

AR: Tem coisas aí que a gente não deve contar da vida do outro.

LM: É, claro. Claro.

AR: Mas você falou Paulo Bührnhein me lembrei.

PJ: É. Eu gostava muito dele, gostava da Catarina, nós éramos colegas de turma. Eu cheguei a namorar a Catarina, foi um namoro assim de início aí ela brigou comigo, eu fiquei triste...

LM: **(risos)**

AR: É, o Paulo Bührnhein era **(inaudível)** muito grande, só que ele era dispersivo, né?

PJ: É. Ele tinha uma cultura ampla.

AR: É. Mas era dispersivo demais.

PJ: E aí...

AR: Ele não concentrava, então ele era **(nome)** entomologista e ele ficou lá como entomologista, no laboratório de helmintologia. Não tem nada a ver, né? Mas como ele

era uma pessoa muito vivaz, Travassos gostava, dele, todo mundo gostava dele lá, né? Então...

LM: Entendi.

AR: Mas lá na Amazônia eu acho que ele conseguiu fazer alguma coisa, não sei. Paulo Bührnheim também colecionava serpentes.

LM: Serpentes.

AR: Lembra?

LM: É, ele dava aula de serpente, uma vez ele foi levar uma pra dar aula.

LM: Ai meu Deus!

PJ: Então ele cobria a gaiola com um jornal.

LM: Pra ninguém ver, né?

PJ: Não, pra cobra não ficar excitada, mas a cobra meteu o ferro, deu uma picada nele.

LM: Nele? Eita!

AR: Eu lembro, foi lá no Oswaldo Cruz.

PJ: É.

AR: Porque eu me lembro que saíram correndo com ele pro hospital. Por sorte tinha... o soro antibotrópico lá.

LM: Meu Deus!

AR: Ele escapou por pouco, ficou ruim mesmo.

PJ: A gente tinha excursão com ele, tinha uma moita, entrava um bicho, ele mergulhava, ele andava descalço na mata e mergulhava junto com o bicho na mão.

AR: É, ele tinha essas coisas. Ele tinha essas coisas.

LM: Aventureiro, né?

AR: Você sabe que ninguém hoje permitiria você botar uma cobra num laboratório de helmintologia.

LM: Não.

AR: A única semelhança é que ... **(inaudível -risos)**

LM: É verdade, hoje seria um absurdo. (**risos**)

AR: Nesse sentido. (**riso**)

LM: Tem o mesmo formato, né?

AR: Nesse sentido. Ai, ai.

AR: Mas o Travassos era muito bom, ele deixava fazer o que quisesse, não se importava. Até protozoário. Teve lá o Alcides Gomes Veríssimo, lembra?

PJ: Não, desse não.

AR: O Alcides depois foi trabalhar no laboratório do Neri, do Neri Guimaraes, né? O Silvio Celso também estava lá, e o Alcides Veríssimo, eu trouxe ele pra cá, pro laboratório. Ele disse que queria cuidar dos vermes, ficou lá algum tempo depois foi pra outro lugar. Então aquele laboratório aceitava todo mundo. (**risos**)

LM: Era amplo, geral e irrestrito.

PJ: Tem uma história que eu não sei se foi registrada, mas em algum momento você pode... do sujeito que ele era carteiro especialista... o Almeida que trabalhava com borboletas, o [Lauro] Travassos contratou.

AR: Ah, eu me lembro. Eu me lembro.

PJ: Eu vou contar um pouquinho, talvez você complete. O Lauro Travassos gostava de trabalhar em borboleta, ele trabalhava com vermes, mas gostava de trabalhar com borboleta.

LM: Sim.

PJ: E ele se correspondia e tal, e tinha uma pessoa que publicava em francês, nas revistas francesas de entomologia das borboletas e ele queria encontrar o sujeito e tal. Aí um dia chegou um modesto carteiro e queria falar com ele, era um carteiro. Aí o Lauro Travassos conseguiu a transferência dele pra Manguinhos pra ele como ele ainda cargo de carteiro pra trabalhar só com borboletas, ele publicava em francês. Ele andava distribuindo cartas com umas coisas coloridas pra atrair borboleta (**risos**) e pegava. Isso é história.

LM: Que louco!

PJ: Então o Almeida...

AR: Olha, nessa época eu não estava lá.

PJ: Não, isso deve ter sido anterior a gente.

AR: Mas ele conhecia o Travassos? Tanta, gente! Por exemplo, como era o nome daquele fabricante de creolina? Chamava Cruzwaldina, lembra?

PJ: Me lembro da Cruzwaldina.

AR: Ele tinha amizade... era um alemão, ele tinha amizade com o Travassos. Então o Travassos: “Por que você não põe o nome do Oswaldo Cruz?” Cruzwaldina. Já ouviu falar naquela creolina?

LM: Não. Creolina já ouvi, mas Cruzwaldina...

PJ: Tinha uma creolina chamada Cruzwaldina.

LM: Gente, eu não sabia!

AR: Cruzwaldina é que chamava. E esse alemão era um homem lá que ia visitar o Travassos sempre. Era um sujeito simpático, mas era uma industrial, como eu te disse, não conhece bem de parasita, nem verme, nem nada.

LM: **(risos)**

AR: Mas não sei porque talvez tivesse interesse em borboleta, não me lembro não. Esse era um industrial, eu não sei como ele acabou fabricando a Cruzwaldina **(risos)** eu não me lembro o que acontece não, mas acho que foi influência do Travassos.

LM: Que interessante! Ai, muito bom!

AR: Podia botar outro nome, né?

LM: É.

AR: Podia botar Creolina Azul... **(risos)** mas ele botou Cruzwaldina.

LM: Cruzwaldina é ótimo. **(riso)** Dr. Amilcar, o senhor já falou como o senhor vê a instituição hoje, né? Que o senhor acha que houve uma abertura muito grande pra muitas atividades e que o senhor hoje desconhece o IOC daquela época.

AR: É que depois que eu saí de lá eu nem veio... eu só vi aqui hoje porque... de qualquer maneira eu viria aqui porque eu preciso daquele contracheque, né?

LM: Sim.

AR: Eu evito, porque... eu não conheço mais ninguém.

LM: Sei.

AR: E o laboratório que ficou lá não me interessa nada, nem aquela gente. Enfim, eu evito, mas hoje não é mais o Instituto Oswaldo Cruz.

LM: Sim.

AR: Do tempo daquela gente toda, do tempo heroico, né? Como é o nome daquele pessoal... daquele pessoal de 1920, 1930, né?

LM: É, tempos do Oswaldo, da primeira leva.

AR: Mesmo quando eu entrei lá já não era a mesma coisa.

LM: Certo.

AR: Devo dizer a você, ta?

AR: Porque o tempo heroico que eles faziam aquelas reuniões... como era o nome daquele pessoal do Oswaldo Cruz?

LM: Curso de Aplicação, não?

AR: Não. Aquelas pessoas antigas. Da doença de Chagas, por exemplo, como é o nome? Eu sempre esqueço.

PJ: Não sei também não.

AR: Carlos Chagas, pronto! Lembrei o nome. Outros eu agora estou esquecido porque não é... naquele tempo era realmente uma instituição comparável ao Instituto Oswaldo Cruz.

PJ: A Laurinda e eu tentando olhar a história, olhando a história da Fundação teve um período de grande crescimento que era o período do Oswaldo Cruz, Evandro Chagas e tal, quando chegou na época mais ou menos do Olímpio [da Fonseca], ele estagnou. Ficou aquele negócio, aí nós chegamos... depois com o [Rocha] Lagoa teve uma grande queda.

AR: Virou fábrica de vacina um tempo depois porque o pessoal pediu, não é?

PJ: É. E aí depois com a vinda do Vinícius que transformou em Fundação, melhorou o salário, trouxe o Lobato, trouxe o [José Rodrigues] Coura que começou a pensar... e de novo então notamos um crescimento, só que esse crescimento está meio desordenado atualmente, né?

LM: É.

PJ: O crescimento tem...

AR: **(pausa pra reclamar do calor)**

PJ: Então há um grande crescimento. Nós temos 76 laboratórios no IOC. E de uma reunião atualmente participam os 76 chefes de laboratório, aí o próprio Zé Paulo [José Paulo Gagliardi Leite] que é o atual diretor disse: pô, é difícil tomar qualquer resolução, porque você propõe: Oh, nós vamos dar uma verba pra uma área como exemplo... aí os outros: Não! Fica difícil você ao invés de discutir com meia dúzia como era...

AR: Antigamente tinha meia dúzia.

LM: É, mas agora...

AR: Mas chefes de laboratórios era uma dúzia, era o Leon [Rabinovitch], [Carlos] Morel, o [José Rodrigues] Coura, havia um...

AR: Morel também era um grande especialista.

PJ: Era.

AR: Coura.

PJ: Tem mais alguma coisa pra explorar do Amilcar?

LM: Não, eu acho que não, ele já disse o que ele pensa... Uma coisa que eu queria que o senhor falasse assim mais explicitamente, o senhor acha... o senhor já explicou, já falou da sua trajetória que foi belíssima, foi profícua...

AR: Eu fiz só o que...

LM: ...40 anos de trabalho e tal, mas o senhor acha que a Fiocruz aproveitou convenientemente a sua contribuição que o senhor podia dar, o senhor se sentiu agregado pela instituição?

AR: Não.

LM: Não.

AR: Eu vou dizer porquê. O que nós fazíamos tem reflexo apenas nos helmintologistas, parasitologistas de outros países, né?

LM: Sim.

AR: Serviu pra eles um conhecimento melhor dos vermes, dos parasitas. Aqui no Brasil acho que também não tem grande...

LM: Relevância?

AR: Não vou dizer importância não, vou dizer grande interesse não é? Porque chama ciência pura que não é de interesse.

LM: É.

AR: Agora, se eu descobri um verme que está causando uma doença aqui aí vai gerar interesse, mas não tem interesse para o Brasil, vamos dizer, porque desenhar borboletas não interessa, só interessa aos especialistas da Argentina, da Alemanha.

LM: Entendi.

AR: Agora se você descobre uma doença nova, aí você tem, você tem maior prestígio, mas eu tenho prestígio como os meus colegas de CNPq.

LM: Sim.

AR: Isso eu tenho. Praticamente nos países que eu estudei parasitas, Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha. Interessa a experiência minha a eles.

LM: Entendi.

AR: E a eles a minha também, então eu troco informações, entendeu? Agora pra a Fiocruz de hoje, nada.

PJ: O Laurinda há um aspecto, eu não sei se ele vai concordar ou não, que na aplicada os grandes laboratórios têm interesse, a não ser que não dê lucro.

LM: Entendi.

PJ: Então se tem uma doença que não vai dar lucro, tratar e etc., então aquilo é colocado de lado. Por outro lado, o estado militarista tem interesse porque ele diz assim: Se eu for para aquele lugar eu preciso dominar a doença.

LM: É.

PJ: Eu preciso dominar a doença, então ele mantém institutos experimentais de doenças tropicais.

AR: Aplicado, aplicado.

PJ: Aplicado porque ele tem interesse, ele diz assim: tenho que entrar no Amazonas então ele tem que dominar todas aquelas doenças...

LM: Tem que conhecer.

PJ: Porque senão os nossos agentes, que vão trabalhar lá, serão vítimas da doença, aí ultrapassa esse interesse do laboratório.

LM: Entendi.

AR: Posso dar um exemplo? O Antônio Paulino da Entomologia; ele estudava flebótomos, ou estuda, há muito tempo que eu não falo com ele, não vejo... ele foi a Amazônia para coletar os flebótomos e então descobriu lá uma espécie etc., e depois fez uma palestra ali. Esse aí ciência pura, mas teve interesse porque era o parasita, como era o nome mesmo? leishmania, né? É.

LM: Ah, sim, da Leishmania!

AR: Então teve interesse. Ele desenhava os flebótomos, identificava, né? Mas tinham interesse porque era o transmissor, né?

LM: Entendi.

AR: Agora se ele não tivesse transmissão alguma... o bicho que ele estudava não teria interesse, né? (ri)

LM: Entendi.

PJ: Esse negócio do interesse ele concorda ou não, por exemplo, o [Leônidas de Mello] Deane estudava o mosquito, aí todo mundo olhava pro Deane de lado, quando os mosquitos... Quer dizer, você vê as doenças transmitidas pelos mosquitos aí todo o trabalho do Deane, vamos ver o que o Deane... o trabalho básico, estrutural, quer dizer, o que não era passou a ser.

AR: O Deane era um grande entomologista.

PJ: O próprio Lobato. Quer dizer, o Lobato pegou uns caramujos que eram transmissores de esquistossomose, mas a esquistossomose é doença de pobre ele não teve certa coisa... aí como ele era um cara, um cientista, o Lobato era um cientista, ele pode estudar outros caramujos. Quer dizer 90%, uma grande percentual do trabalho dele não tem nada a ver com medicina, mas quando se ia falar algo de medicina se lembrava do Lobato.

AR: É.

PJ: Porque o Lobato ele era um...

AR: Isso é.

PJ: Ele era muito inteligente e manipulava isso muito bem, ele conseguia dividir, Ele era muito culto, era um dos pesquisadores maios cultos que eu conheci.

AR: Realmente era. Ele cometeu aquele erro de querer que todos fizessem a licenciatura, mas durou pouco tempo.

LM: Ele caiu em si rapidamente.

AR: É.

PJ: Mas ele era... eu concordo com você.

LM: Hum-hum.

AR: Você sabe quando eles disseram que podia ciência pura então eu peguei esses *toxocara canis* e esses bichos por aí e publiquei alguma coisa, aplicada, né?

PJ: É, porque tinha também que se defender, então havia uma frase: você trabalha em ciência pura em bichos aplicados. (**risos**) Quer dizer, foi o que eu fiz, eu trabalhei, eu gostava de comportamento animal, está entendendo? Comecei a trabalhar com planorbídeos que eram ligados a doença esquistossomose, mas a minha pesquisa era pura, não tinha nada... pelo contrário, o trabalho que eu consegui fazer é porque você não vai controlar um único caramujo.

LM: Certo.

AR: O melhor exemplo é o do descobridor da penicilina, né?

LM: É.

AR: Eu acho muito bom, vocês não acham? Ele é o melhor exemplo. O cara era médico e ficava lá...

LM: Dizem que tem uma história de que foi meio sem querer, né? Será que foi sem querer mesmo. Dr. Amilcar?

AR: Foi sem querer! Ele estudava...

PJ: E ele publicou numa página só o trabalho, ou duas páginas e esqueceu, mas aí o pessoal percebeu...

AR: E pegou. Foi um americano que pegou o trabalho dele, né?

PJ: Eu acho que era na Inglaterra. Não sei se quem deu continuidade e publicou...

LM: Eu acho que...

PJ: Isso a gente fala porque a gente conta pros alunos.

LM: É.

AR: Eu acho que tem algumas coisas aí, eu fiz umas críticas, eu fiz umas críticas, mas...

LM: Não, mas não tem nada...

AR: Eu fiz umas críticas, mas o ser humano é assim mesmo, se eu...

PJ: A gente vai extrair isso, qual a sua formação, se foi política ou não, mas essas coisas que a gente comentou envolvendo outra pessoa, isso morre no papel.

AR: Não, eu mantenho as críticas...

LM: Então está bom, melhor. (ri).

AR: Eu acho que o Laboratório de Helminologia...

PJ: Você foi doce.

AR: Precisava aquele laboratório expulsar toda aquela gente e contratar gente melhor, eu digo isso mesmo.

LM: É.

AR: Porque havia aquela coisa: Ah, se você é minha amiga você ser chefe; se você é meu amigo você tem que ter... era isso.

LM: É

AR: Não era pelo prestígio.

LM: E eu vou dizer uma coisa pro senhor, Dr. Amilcar, isso não é só lá...

AR: Eu sei que não é.

LM: O senhor sabe, né? Em outros locais da Fiocruz também.

AR: É.

LM: Descaradamente. Então eu acho que a gente já terminou. Dr. Amilcar eu queria te agradecer muito pela entrevista.

AR: Foi um prazer conversar, lembrar os bons tempos.

LM: Que bom!

AR: Aqueles eram bons tempos, hoje são maus tempos. (**risos**)

LM: Está bom, muito obrigada, ta? (**risos**)